

**INFLUENZA SUÍNA EM LEITÕES DE CRECHE: ACHADOS DE NECROPSIA  
COMO FERRAMENTA DIAGNÓSTICA**

**GAZZOLA, K. E.<sup>[1]</sup>; ZIMPEL, A. V.<sup>[1]</sup>; GALDINO, G.G.<sup>[1]</sup>; NEUKAMP, J.V.<sup>[1]</sup>; NATEL, A.B.<sup>[1]</sup>; PAUWELZ, L. T.<sup>[4]</sup>; BENVENÚ, D. M.<sup>[2]</sup>; ELIAS, F.<sup>[2]</sup>**

A influenza suína é uma enfermidade respiratória aguda e altamente contagiosa, causada pelo vírus influenza A, pertencente à família *Orthomyxoviridae*. Em suínos, caracteriza-se por evolução rápida e pode acometer até 100% dos animais durante surtos epidêmicos, tendo como principais sinais clínicos: tosse, febre, anorexia e queda no desempenho zootécnico. A infecção é influenciada por diversos fatores, como idade, estado imunológico, manejo e condições ambientais que favorecem sua manifestação. Na necropsia, observam-se lesões pulmonares características, como áreas avermelhadas, consolidadas e deprimidas, especialmente nos lobos craniais, configurando o padrão típico em “tabuleiro de xadrez”. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi relatar as alterações de necropsia em leitões de sétima a décima semana de vida com influenza, provenientes de uma granja comercial, utilizando dados obtidos pelo projeto de extensão intitulado Serviço de Diagnóstico Anatomopatológico Veterinário. Para isso, foram realizadas 19 necropsias em animais que naturalmente vieram a óbito neste período. Dentre estes, sete apresentaram sinais clínicos compatíveis com doenças respiratórias, cujos achados macroscópicos evidenciaram pulmões com áreas alternadas de coloração clara e escura, distribuídas de forma semelhante a um tabuleiro de xadrez, com maior acometimento dos lobos craniais, sobretudo do lado esquerdo. Também foram observados focos de atelectasia, pleurite discreta, congestão de mucosas e linfonodos aumentados, alterações compatíveis com infecção

[1] Ketlin Eduarda Gazzola. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. Ketlin.gazzola@estudante.uffs.edu.br.

[1] Amália Vitória Zimpel. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. Amalia.zimpel@estudante.uffs.edu.br.

[1] Gabrielle Gomes Galdino. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. gabriellegomesuffsmedvet@gmail.com.

[1] João Vinício Neukamp. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. neukampjoao@gmail.com.

[1] Arthur Barbosa Natel. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. Arthur.natel@estudante.uffs.edu.br

[4] Tiago Luiz Pauwelz. Programa de Pós Graduação em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável na Fronteira Sul. Universidade Federal da Fronteira Sul. tiagoluiz7@outlook.com

[2] Dalila Moter Benvegnú. Docente de Medicina Veterinária, Nutrição e Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul. dalila.benvegnu@uffs.edu.br.

[2] Fabiana Elias. Docente de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. fabiana.elias@uffs.edu.br.

pelo vírus influenza A. Os resultados demonstram uma ocorrência significativa de influenza suína no rebanho avaliado, com 36,8% (7/19) dos casos analisados apresentando lesões compatíveis com a doença. Nesse contexto, a necropsia mostrou-se uma ferramenta diagnóstica fundamental, permitindo a identificação das alterações características e a confirmação da suspeita clínica. Ressalta-se, ainda, que a influenza suína possui relevância não apenas pela sua natureza zoonótica, mas também pelos impactos econômicos que ocasiona na cadeia produtiva, como redução do desempenho, maior mortalidade e necessidade de medidas adicionais de controle sanitário. Assim, a utilização da necropsia como método de diagnóstico, associada ao monitoramento contínuo do rebanho, é essencial para reduzir os efeitos da enfermidade e orientar estratégias de biossegurança, manejo e vacinação em granjas comerciais.

**Palavras-chave:** Suinocultura; Diagnóstico; Pneumonias.

**Área do Conhecimento:** Ciências Agrárias

**Origem:** Extensão

**Instituição Financiadora/Agradecimentos:** Fundação Araucária

**Aspectos Éticos:** Não se enquadra

[1] Ketlin Eduarda Gazzola. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. Ketlin.gazzola@estudante.uffs.edu.br.

[1] Amália Vitória Zimpel. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. Amalia.zimpel@estudante.uffs.edu.br.

[1] Gabrielle Gomes Galdino. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. gabriellegomesuffsmedvet@gmail.com.

[1] João Vinício Neukamp. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. neukampjoao@gmail.com.

[1] Arthur Barbosa Natel. Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. Arthur.natel@estudante.uffs.edu.br

[4] Tiago Luiz Pauwelz. Programa de Pós Graduação em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável na Fronteira Sul. Universidade Federal da Fronteira Sul. tiagoluiz7@outlook.com

[2] Dalila Moter Benvegnú. Docente de Medicina Veterinária, Nutrição e Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul. dalila.benvegnu@uffs.edu.br.

[2] Fabiana Elias. Docente de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul. fabiana.elias@uffs.edu.br.